

ENTREVISTA

GEPOLÍTICA, CAPITALISMO GLOBAL E O IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO MUNDO¹**GEPOLITICS, GLOBAL CAPITALISM AND THE IMPACT OF THE COVID-19 PANDEMIC IN THE WORLD**

Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo²

Conheci Ramon Grosfoguel no Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) no Rio de Janeiro em 2000, na ocasião, ele tinha sido convidado a participar da III edição do Curso Internacional de Relações Raciais: Fábrica de ideias, exatamente para ministrar um curso sobre pensamento decolonial. Naquele momento, a teoria decolonial já era uma realidade nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, mas absolutamente desconhecida entre nós. Os conceitos oferecidos pela teoria decolonial, como por exemplo o conceito de colonialidade do poder de Anibal Quijano, assim como o conceito de transmodernidade de Enrique Dussel, colocavam a raça e o racismo como centrais na análise sobre o capitalismo e a modernidade e nos ofereciam uma chave interpretativa importante para pensar as desigualdades raciais que estruturam o Brasil desde o período colonial. A recuperação da contribuição de Franz Fanon pela perspectiva decolonial colaborou, sobremaneira, para o giro decolonial proposto por esta perspectiva teórica. Conceitos de corpo-política de Ramon

¹Essa entrevista teve sua primeira versão publicada online na Revista Afirmativa (www.revistaafirmativa.com.br) em 20/04/2020. A atual entrevista consta de trechos inéditos não publicados anteriormente.

²Ramon Grosfoguel é Professor do departamento de Estudos-étnicos da Universidade de Berkeley, membro fundador do grupo Colonialidade/Modernidade. Autor de vários livros e artigos sobre colonialidade do poder, geopolítica do conhecimento e crítico ao capitalismo.

Angela Figueiredo é professora e pesquisadora da UFRB, ativista, feminista negra, Coordenadora do Coletivo Angela Davis e da Escola Internacional Feminista negra decolonial e integrante do Fórum Permanente de Formação política Marielle Franco. Autora de livros e artigos sobre desigualdades raciais e de gênero, feminismo negro e descolonização do conhecimento.

Grosfoguel, assim como a de heterohierarquias têm se tornado fundamentais nas análises sociais do nosso país.

Passados quase 20 anos, é inegável o crescente interesse pela teoria decolonial em diferentes partes do Brasil, que muitas vezes associada à perspectiva feminista negra tem sido um arcabouço teórico e político de muitos trabalhos. Desse modo, temos recuperado muito da contribuição de intelectuais negros, notadamente de intelectuais negras, e construído novas interpretações sobre raça, racismo e sexismo no Brasil.

Na tarde de quarta-feira, dia 25 de março, enquanto cumpria mais um dia de quarentena, entre as leituras de jornais e textos de alunas que oriento fui surpreendida com o telefonema de um grande amigo, Ramon Grosfoguel. Inicialmente, a conversa foi típica de dois amigos em estado de quarentena em função do coronavírus, eu em Salvador e ele em San Francisco nos Estados Unidos. O que começou informalmente acabou como uma entrevista sobre o novo momento do capitalismo global, sobre a ascensão da China como o novo império da economia mundial, sobre crash na bolsa de 1987, 2008 e de 2020, e como não poderia deixar de ser, Ramon recuperou a contribuição de dois importantes sociólogos, Giovanni Arrighi e Immanuel Wallerstein que previram a crise atual do capitalismo global.

Percebemos que a covid-19 começou a se espalhar principalmente entre as classes sociais mais altas, fundamentalmente entre aquelas que tinham acesso a alta circulação e as pessoas de alto capital social. Você acredita que esse vírus é um fenômeno que não escolhe classes sociais ou pensa que a situação se dará de forma pior entre as classes populares, imigrantes ou no Sul global?

O vírus em si não discrimina, mas não há dúvidas de que a multiplicidade de opressões colocam alguns grupos racializados em situações muito mais vulneráveis frente à pandemia. Sabemos que no Brasil, o norte do país, majoritariamente indígena, é o epicentro da pandemia, assim como as favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Ramon, você acha que o coronavírus é o resultado de uma guerra bacteriológica ou não?

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo – Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331

As informações que temos até agora sobre a infecção do coronavírus não nos permitem afirmar se foi acidental ou se resulta de uma guerra bacteriológica. O que sabemos é que a crise gerada pelo coronavírus acelerou algumas transformações na ordem da economia capitalista neoliberal existente. Também sabemos que os Estados Unidos tentaram isolar a China com sanções econômicas, e que num primeiro momento tentaram usar a crise do coronavírus, porém, o tiro saiu pela culatra.

Em que medida a pandemia do coronavírus reforça as questões do racismo e do nacionalismo?

A pandemia do coronavírus é um catalisador de processos. O racismo e o nacionalismo já existiam, mas como os dados demonstram, as pessoas que são mais afetadas pela pandemia são sujeitos que foram historicamente inferiorizados racialmente. Atualmente, o epicentro da pandemia é Nova York e a maioria das pessoas afetadas pelo vírus lá são negras e latinas. Isso resulta do fato da letalidade do vírus ser maior na combinação com outras doenças pré-existentes, em especial a diabetes e a hipertensão. O que ocorre é que a combinação da alimentação ruim, rica em carboidratos e açúcar, torna as pessoas diabéticas. Nesse sentido, poderíamos falar de uma diabetes social, pois é fruto das condições de vida marginalizada em que vivem estas comunidades racializadas. Além disso, o sistema de saúde nos Estados Unidos é privado e as comunidades empobrecidas e racializadas não têm acesso a sistema privado de saúde.

O que aconteceu na terça-feira com relação à Bolsa?

As Bolsas colapsaram em todo o mundo. O que ocorreu foi que a China aproveitou da crise econômica mundial e a queda dos preços das ações das grandes empresas ocidentais para comprar as ações de todas as grandes empresas transnacionais que operavam em seu território, trata-se de uma expropriação via mercado. Agora todas as empresas em território chinês pertencem à China. A China agora tenta fazer o mesmo em escala mundial, comprando todas as grandes empresas ocidentais. Lembremos que os Estados Unidos têm uma dívida de 23 trilhões, enquanto a China tem uma economia

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo – Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331

de trilhões de dólares, por isso, pode aproveitar a crise para comprar empresas do mundo inteiro. Além disso, os Estados Unidos têm hoje com a China uma dívida de cerca de mais de 1 trilhão de dólares, o que a coloca na posição de um novo império da economia mundial. Estamos vivendo uma mudança na geopolítica de mundo. O centro hegemônico do sistema-mundo capitalista criado há mais de 500 anos com a expansão colonial europeia, pela primeira vez passa para um país não-ocidental. A China se constitui, a partir de agora, como o novo centro hegemônico de economia capitalista mundial. Os Estados Unidos caíram, perderam este lugar.

O que mudará para nós, cidadãos do terceiro mundo neste novo cenário do capitalismo Global?

Muitas das coisas que conhecemos hoje provavelmente mudarão.

Para pior ou para melhor?

Não sabemos, por que a China opera através de outros mecanismos de dominação e exploração econômica. Por exemplo, a China não tem uma perspectiva universalista do mundo, assim como não dá a mínima para os direitos humanos. A China não está preocupada em hipótese nenhuma com a questão cultural, sobre qual é o seu Deus, ou qual a língua que você fala. A questão da China diz respeito a um modo de exploração econômica em que cada país se compromete a vender matéria-prima a preços baixos durante muitos anos.

Do ponto de vista econômico, qual tem sido a forma e o funcionamento das empresas chinesas?

Os impérios ocidentais sempre contrataram mão de obra no terceiro mundo, uma espécie de escravização de trabalhadores que ganham valores irrisórios com relação ao que se ganha nos centros do mundo no capitalismo global. A China se coloca de outra forma, observe o que ocorre nos países africanos, a China atua na construção civil,

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo – Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331

constrói pontes, casas, viadutos, shopping center, etc., mas eles não contratam a mão de obra africana, eles trazem seus próprios trabalhadores/escravos chineses, eles ganham o mesmo valor salarial pagos na China. De certo ponto de vista, os chineses não criam nenhum tipo de tensão com os trabalhadores nos países em que operam. Os chineses lhe pagam hoje o que irão lhe vender durante os próximos 10 anos. Os países recebem da China, por exemplo, uns cem milhões de dólares em um só dia, aparentemente sem cobrar juros. Esse dinheiro, se não for roubado pelas elites dos países, pode ser usado para reconstruir muitos países. Em troca, a China assegura durante os próximos 10 anos matéria-prima a preços muito mais baratos do que comprariam no mercado mundial.

O que ocorrerá com as categorias analíticas que utilizamos para interpretar o mundo?

As categorias analíticas são históricas e elas refletem a compreensão que temos atual do mundo, certamente teremos que criar novas categorias para dar conta destas transformações globais. Não podemos entender a China como o novo centro do sistema-mundo capitalista com as categorias que entendíamos os impérios ocidentais. Por exemplo, devido ao racismo, os impérios ocidentais sempre buscaram pauperizar os povos do mundo para enriquecer a si mesmos, populações brancas ocidentais, incluída a elevação do nível de suas próprias vidas e dos trabalhadores brancos. Por isso, os mais prejudicados com os impérios ocidentais sempre foram ou têm sido as populações não-brancas do terceiro mundo. Ao invés disso, os mais prejudicados com a China como superpotência mundial não são as populações do terceiro mundo, são os trabalhadores chineses e as nações oprimidas dentro do seu território nacional. A China investe capital na África, América Latina e na Ásia beneficiando a infraestrutura e ampliando o comércio dos países de terceiro mundo, porém sem explorar ninguém, já que importa seus próprios escravos chineses como mão de obra barata. A China respeita a soberania dos Estados-nações e nunca invadiu militarmente nenhum país do mundo, porém, mantêm campos de concentração de tibetanos, os Uigures (muçulmanos chineses), e outras nações oprimidas, em uma espécie de colonialismo interno dentro das fronteiras territoriais do estado chinês. Isto constitui formas de dominação imperial muito distintas

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo –
Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331

daquelas praticada pelos impérios ocidentais. Os mais prejudicados pela China são as populações chinesas dentro de seu território nacional.

Como a teoria decolonial pode oferecer conceitos analíticos para este novo momento da ordem mundial?

A teoria decolonial oferece uma visão crítica, pois considera que esta crise começou em 1492. Um modelo civilizatório destrutivo que opera através de uma lógica dualística cartesiana que pensa que a natureza é um objeto que pode ser destruído. Uma lógica que privilegia a ganância do capital frente à vida, nesta perspectiva ao invés de reproduzir a vida se reproduz a morte. A perspectiva dualista impõe a ficção na produção de tecnologia de que a vida humana é ontologicamente exterior a outras formas de vida não-humanas. Portanto, pode destruir outras formas de vida sem afetar a vida de todo o planeta. Levamos 400 anos utilizando esta cosmologia cartesiana dualista. As civilizações pré-modernas, com todas as críticas que possamos fazer a elas, nunca foram tão destrutivas como a civilização moderna ocidental. As cosmogonias não ocidentais não são dualistas, são holísticas. Acreditam que diferentes formas de vida habitam o mesmo cosmo e, portanto, produzem tecnologia que tenham a racionalidade na produção da vida. Esta pandemia é também um aviso que a natureza está dando aos seres humanos. Ou mudamos a maneira como os humanos se relacionam com diferentes formas de vida ou o planeta se encarregará de exterminar a raça humana.

Por que temos vírus como o ebola e o coronavírus? Porque o capitalismo se expandiu sem limite, destruindo bosques e florestas importantes para o equilíbrio e para a reprodução de diferentes espécies. Ao destruir estes espaços, nos aproximamos demasiadamente de animais que têm vírus, bactérias, com que nós humanos nunca tivemos contato, não temos resistência. Esta pandemia é o resultado de uma crise civilizatória, pois estamos presenciando a derrocada de uma civilização da morte.

Como explicar a intensidade da pandemia nos Estados Unidos?

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo –
Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331

Os Estados Unidos como um país neoliberal que sempre privilegiou a ganância do capital em relação à vida humana. Nos Estados Unidos 1/3 da população não tem plano de saúde. Estas pessoas estão em situação de vulnerabilidade extrema e os leitos de hospitais não são suficientes, falta cama, máscara de oxigênio, respiradores e remédios. Diante desta escassez, muitos médicos estão vivendo uma situação dantesca, já que são eles que definem quem viverá e quem morrerá. O que nos parece uma situação extremamente paradoxal, porque os Estados Unidos é o país com a maior capacidade militar no mundo, com capacidade de destruir o mundo, não tem atendimento médico suficiente para o seu povo. Sabemos que nos países neoliberais o número de mortos tem sido muito grande. As pessoas morrem por falta de atendimento médico necessário. Há muitos lugares que não aceitam pessoas sem plano de saúde, estas pessoas são majoritariamente negras e latinas.

Como ficará a situação dos Estados Unidos nesta nova ordem do capitalismo global?

Os níveis de vida dos Estados Unidos e da Europa irão se terceiromundializar. O problema é que os cidadãos americanos brancos estão se armando para enfrentar a crise do coronavírus e a falta de alimentação que isso pode causar. Diante de uma cultura bélica, muitos agirão para manter os privilégios, imagina que estas pessoas estão armadas e isso certamente poderá levar a uma guerra civil.

Como será a configuração e geopolítica do capitalismo global?

Não sabemos, talvez, através da existência de múltiplos poderes tendo a China como centro do mundo. Certamente será um capitalismo diferente do que temos vivido até agora. Não será um capitalismo neoliberal, será um capitalismo onde os estados terão um papel direto e central na gestão econômica.

Qual o papel dos Estados Unidos?

Os Estados Unidos perderam a guerra no Oriente Médio, por isso eles retomaram o interesse na América Latina. Daí os golpes de Estado contra América Latina nos últimos 10 anos, Zelaya em Honduras, Fernando Lugo no Paraguai, Dilma Rousseff no Brasil, Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador. A combinação das políticas de keynesianismo³ militar e o do corte dos impostos para os ricos levou à queda do império americano. Estas políticas foram implementadas na administração de Reagan nos anos 1980, que levou ao *crash* de 1987, na administração de Bush nos anos 2000, que levou ao *crash* de 2008, e na administração de Trump ao *crash* de 2020. Os Estados Unidos agora estão com uma enorme dívida, muito maior do que a existente em 1987, durante o governo de Ronald Reagan, e em 2008 durante o governo de George W. Bush. Em ambos os casos, a dívida americana era bem menor do que a dívida atual de 23 trilhões de dólares na administração de Trump. Os dois governos anteriores operavam da mesma forma que o atual, reduziram os impostos para os ricos e investiram no armamento dos exércitos. Esta fórmula se mantém, só que agora de maneira muito pior, porque a dívida pública é muito maior que durante os anos de Reagan ou Bush.

Você acredita que este é o fim do sistema histórico capitalista?

Dois autores previram o caos sistêmico da crise atual, Giovanni Arrighi, no livro “O longo século XX”, e Immanuel Wallerstein, em “A decadência do poder estadunidense”. Ainda que eles discordassem das consequências e do tempo que a crise do capitalismo ocorreria, eles concordam com o fato de que a crise atual ocorreria. Wallerstein falava de uma bifurcação histórica rumo a um novo sistema histórico, além do capitalismo. Para Wallerstein esta próxima crise seria a crise terminal do sistema-mundo capitalista e haveria uma bifurcação levando a um novo sistema histórico, mas ele não sabia se seria melhor ou pior do que este. As elites capitalistas deste sistema-mundo podem criar um novo sistema-mundo pior que o atual, e os movimentos sociais poderiam criar um sistema-mundo mais igualitário e mais democrático do que o atual. O que pode ser exemplificado com o caso do Fórum Econômico de Davos, de um lado e,

³ Keynesianismo militar (MATTICK, 1980), avultados gastos bélicos estatais.

do outro, o Fórum Social Mundial de Porto Alegre. A transformação ou os rumos que o mundo tomará depende de qual destas duas ideologias irá ganhar a luta, mas tudo isso depende das lutas históricas travadas pelos movimentos sociais. O que ocorre é que neste tempo de coronavírus, os países conhecidos pelas lutas históricas dos movimentos sociais estão confinados dentro de casa. Retomando a questão da crise ao capitalismo, Arrighi diz que o sistema vai continuar o mesmo com a China no centro. Para Arrighi, o sistema-mundo capitalista teria outros 150 anos de existência, tendo a China como o centro hegemônico da economia capitalista mundial. Ao contrário, Wallerstein falava que o capitalismo não poderia seguir explorando a natureza como ele fazia no passado, já que os Estados não podem assumir os custos com seguridade e infraestrutura do capital como faziam no passado.

Com o ocorrido na última semana, parece que a tese de Arrighi se confirma: A China passou a ser o novo centro hegemônico do sistema-mundo e os Estados Unidos perderam o seu papel hegemônico, passando a ser uma potência econômica secundária frente à ascensão da China. Isto não quer dizer que Estados Unidos vão desaparecer. Porém, vamos testemunhar a terceiromundialização dos Estados Unidos e isto pode ser muito perigoso para toda a humanidade, já que pode nos levar a um desastre militar global, em que o império estadunidense, frente a sua queda pode lançar mão do uso de armas contra seus rivais. Por isso, não podemos descartar a hipótese de Wallerstein. Quiçá, não ocorra agora o fim do capitalismo, porém, pode ocorrer nos próximos 10 a 20 anos, enquanto a China será o novo centro hegemônico do sistema-mundo. O que sim temos certeza é que o mundo não será igual, depois do colapso das bolsas de março de 2020. Há um mundo antes e um depois da crise do coronavírus, porque o que se trata não é da crise provocada por uma pandemia, mas da crise sistêmica de um sistema que destrói a vida e a decadência de um império cuja hegemonia mundial está chegando a seus últimos dias. A hegemonia da China será muito distinta da hegemonia ocidental. Para enfrentar os novos desafios, teremos que com urgência começar a entender este novo monstro que é a China como a nova superpotência mundial. A América Latina como quintal do império desesperado e em decadência enfrentará desafios muito perigosos no futuro próximo. Nada mais perigoso que estar muito perto de uma fera gravemente ferida.

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo – Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331

Luc Boltanski, intelectual Francês da área da sociologia pragmática, afirma que o capitalismo consegue se reinventar a partir de sua própria crítica. Essa crítica poderia advir, por exemplo, de movimentos sociais, sindicais, e de organizações anticapitalistas. Você acredita numa composição entre o capitalismo e uma crítica a ele como as fontes de um novo tipo de capitalismo emergente? Ou acha que dicotomicamente é possível que um dos dois lados vença essa disputa?

Eu penso que o capitalismo do primeiro mundo sempre incorpora, quando é possível, a crítica dos movimentos sociais. O capitalismo do primeiro mundo tem os recursos e o poder para incorporar a crítica e beneficiar a aristocracia dos trabalhadores brancos do primeiro mundo. Contudo, esta situação de privilégio só existe para os trabalhadores brancos ocidentais porque eles se beneficiam da exploração imperialista das empresas transnacionais no terceiro mundo.

Luc Boltanski é um sociólogo que compreende bem este processo, mas ele é cego frente à situação dos trabalhadores e do capitalismo em outras partes do mundo. Ele está teorizando dentro da zona do ser, tal como definido por Fanon, a zona dos afortunados da terra. Mas ele é cego com relação à zona dos condenados da terra, onde o capitalismo não pode ceder às demandas dos trabalhadores porque o capitalismo se fundamenta na exploração. A teoria dele é muito eurocêntrica porque não dá conta de como o capitalismo opera no resto do planeta e isto é uma cegueira ocidental, porque dentro da mirada eurocêntrica não consegue enxergar o resto do mundo. O capitalismo não tem a capacidade econômica para estender os benefícios para os trabalhadores não brancos.

Observamos que países como a França estão sendo inseridos também no processo de terceiromundialização. A saber, pela situação de precarização em que vivem os imigrantes franceses advindos de outros países. Você acredita na possibilidade de alguns países europeus, ao invés de investirem num ataque armado como os Estados Unidos, retomarem a lógica do Estado de bem-estar social, mesmo em meio à emergência dos governos de centro ou direita, como é o caso do governo Macron? Se isso fosse possível, não poderia ser essa a saída para se repensar o capitalismo atual?

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo – Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331

O sistema neoliberal está em crise terminal com esta pandemia. Os estados neoliberais não tiveram a capacidade de responder à pandemia devido aos cortes significativos no sistema de saúde em países de primeiro e terceiro mundo. Contraditoriamente, alguns países que estão vivendo a experiência histórica do bloqueio econômico, como por exemplo Cuba e Venezuela, têm o controle absoluto da pandemia, sendo relativamente baixo o número de mortos nestes países. O desafio agora é entender este paradoxo. Sabemos que os Estados que não cederam à ganância do capital e que investem nos cidadãos responderam melhor a esta situação de pandemia, o caso de Cuba é paradigmático por que Cuba não só tem médicos suficientes para atender a sua população, assim como generosamente exporta médicos para outros países. O remédio Interferom-Alpha 2E produzido em Cuba é o único medicamento que tem se mostrado eficiente contra o coronavírus. Os cubanos enviaram este medicamento para a China e agora a China está produzindo em massa.

Esse novo tipo de capitalismo que emergirá não poderia estar seguindo a argumentação de Wallerstein, na medida em que começa a se transformar num capitalismo politizado, ético, verde? Ou seja, existe a perspectiva de que o capitalismo apenas mude suas “rotulações” na forma e em seu conteúdo?

Eu não acredito neste tipo de capitalismo com um rosto mais humano, acredito que o capitalismo vai reprimir mais os pobres. O Estado se tornará mais autoritário. Como argumentei na questão anterior haverá um momento de bifurcação tal como anunciado por Wallerstein, cujo exemplo é o Fórum Econômico de Davos, em que a elite planeja suas utopias ou distopias, ou a organização popular presente no Fórum Social Mundial, situação em que a ação popular cria suas estratégias de lutas e suas utopias. Por isso digo que tudo depende da ação política, pode ser que as elites criem um novo sistema ainda mais injusto, racista, perverso e desigual, ou pode ser que o povo se rebele e crie um novo sistema histórico igualitário. Não há nada escrito nem garantido sobre isso, e esta será uma batalha nos próximos 20 ou 30 anos.

Recebido em: 01/05/2020

Aprovado em: 13/05/2020

Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo –
Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo – p. 321-331